

*Nascentes***COMO NASCEM AS HISTÓRIAS:  
O EXCEDENTE DE VISÃO E A NARRATIVA COMO ATIVIDADE ESTÉTICA***Wesley Pinto Hoffmann\***Marlete Diedrich\*\**

**RESUMO:** Na criação literária, autor, personagens e leitores ocupam distintas posições volitivo-emocionais. A literatura é um meio de sensibilização, humanização e criação de experiências que vão de encontro com o excesso de informação e velocidade das telas. Nesse sentido, questiona-se: como a narrativa literária se constitui uma atividade estética em sua relação com o mundo concreto? Tendo isso em vista, este artigo tem por objetivo analisar a constituição de um evento de criação da narrativa literária na relação dialética da experiência vivida como ato singular. A fundamentação teórica está alicerçada nas contribuições de Bakhtin e do Círculo de Bakhtin (2011) acerca da posição volitivo-emocional, empatia e excedente de visão; também na concepção da atividade estética do ato de narrar, concebido como ato ético, temas convergentes na obra bakhtiniana. O *corpus* de análise é constituído por um vídeo com uma entrevista com Mia Couto, escritor de Moçambique reconhecido mundialmente. No vídeo, o autor se ocupa da temática do nascimento de histórias. Assume-se, neste trabalho, um fazer exploratório, bibliográfico e documental, de abordagem qualitativa. Os resultados observados permitem afirmar que a constituição da narrativa literária cujo evento de criação, na análise apresentada, é descrito pelo ponto de vista do autor criador se dá a partir da tomada de posições volitivo-emocionais a cada momento da experiência vivida, sem, no entanto, se deixar levar unicamente por esta experiência, uma vez que é afetada pela objetivação da atividade estética. A narrativa literária, assim, em sua constituição estética marcada por posições volitivo-emocionais representa importante realização na aproximação do mundo culturalmente abstrato e do mundo concreto da vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nascimento de histórias; Excedente de visão; Literatura; Experiência; Mia Couto.

**Introdução**

Em sua constituição, os sujeitos são formados por palavras e narrativas que dão sentido ao existir, através da formação de experiências que nos fazem humanos. Essas experiências revelam distintas posições volitivo-emocionais<sup>1</sup> de personagens, autores e contempladores dessas narrativas, que vão de encontro à efemeridade e explosão de informações da contemporaneidade. Dessa forma, para o leitor, a literatura pode exercer o papel de um

---

\* Mestrando em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF).

\*\* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS). Professora da Universidade de Passo Fundo (UPF).

<sup>1</sup> Consoante Bakhtin (2011), a posição volitivo-emocional consiste na posição valorativa ocupada pelo autor, leitor/contemplador ou personagem de uma criação estética.

recurso de humanização e de sensibilização, que o faz questionar, instigar, problematizar, apaixonar (se) e acalantar as emoções.

Nesse sentido, questionamos: como a narrativa literária se constitui uma atividade estética em sua relação com o mundo concreto? A partir desse questionamento, o presente artigo tem por objetivo analisar, a partir da manifestação de Mia Couto acerca do fazer narrativo, a constituição de um evento de criação da narrativa literária na relação dialética da experiência vivida como ato singular.

A fundamentação teórica está alicerçada nas contribuições de Bakhtin e do Círculo de Bakhtin (2011), uma vez que é desses autores que advém a concepção de posição volitivo-emocional, empatia e excedente de visão com a qual estamos trabalhando em nossa reflexão. Além disso, encontramos em Bakhtin (2017), mais especificamente na obra *Para uma filosofia do ato responsável*, possibilidades de pensarmos sobre a criação literária. Nosso pensamento se baseia, principalmente, no exemplo usado pelo filósofo da linguagem, ao final do texto *Para uma filosofia do ato responsável*, para ilustrar a sua proposta de “filosofia do ato responsável”. Ele se dedica a analisar uma obra lírica. Autorizamos-nos a derivar desta análise também a concepção de que a narrativa literária, como atividade estética, encontra-se no escopo dos temas que permite a discussão acerca da dialética da criação no mundo abstrato da arte em relação com o mundo concreto da vida.

Os fundamentos teóricos mobilizados fazem parte de uma pesquisa exploratória, bibliográfica e documental, de abordagem qualitativa. O corpus de análise é constituído por um vídeo com uma entrevista com Mia Couto, escritor de Moçambique reconhecido mundialmente. Esse *corpus* situa a relação do autor criador e da personagem na concepção da narrativa literária, o que ocorre no enfrentamento das forças valorativas que definem forma e conteúdo da obra.

As seções estão organizadas da seguinte forma: a seguir, na seção “2 O excedente de visão na atividade estética”, desenvolvemos os conceitos de empatia, posição volitivo-emocional e excedente de visão, a partir de Bakhtin (2011). Na seção “3 A narrativa como atividade estética”, exploramos as reflexões acerca do ato ético implicado na atividade estética do narrar, com base nos estudos de Bakhtin (2017).

Na seção “4 Procedimentos metodológicos”, descrevemos o roteiro que adotamos para a análise de corpus, constituído, como já mencionado, por uma entrevista em vídeo. Na seção “5 Mia Couto e a narrativa”, realizamos a análise de *corpus*, a qual nos permite chegarmos às considerações finais acerca do estudo em foco.

## O excedente de visão na atividade estética

Na formulação do autor e da personagem, Bakhtin (2011) afirma que cada elemento da obra literária é resultado da proposta concebida pelo autor, o qual é o responsável pelas personagens. Essas personagens apresentam traços e atos de vida, tais como sentimentos e pensamentos que se traduzem na posição prático-vital reconhecida pelo leitor ou contemplador de uma obra, seja ela literária, cinematográfica, teatral, etc.

A tensão e o conflito são aspectos que constituem a obra literária, de forma que as posições prático-vitais de um artista<sup>2</sup> definem uma imagem precisa das personagens. Nesse sentido, a luta se dá pelo distanciamento que o artista precisa ter dessa personagem para que possa dar espaço para sua composição.

Bakhtin (2011, p. 05) se questiona: “Quantos véus necessitamos tirar da face do ser mais próximo – que nela foram postos pelas nossas reações casuais e por nossas posições fortuitas na vida –, [...] para que possamos ver-lhe a feição verdadeira e integral?” Nesse movimento, o autor vê a criação da posição-volitivo emocional da personagem apenas no objeto, no produto, e não no processo interno e psicológico da personagem.

Em conformidade com Di Fanti (2020, p. 10), “O enunciado, desse modo, forma-se na relação entre o eu e o outro, numa concorrência de discursos, vozes em circulação, que, num jogo de tons emotivo-volitivos, dá vida à palavra e revela um sujeito relacional e inacabado.” A respeito disso, fica evidente a relação dos enunciados na concepção da posição volitivo-emocional ocupada por leitores, autores, narradores e personagens de uma obra literária, por exemplo. Tal concepção deriva, sem dúvida, do olhar bakhtiniano marcado pelo dialogismo, o qual sempre nos direcionará para a língua concreta e viva, da qual as relações de sentido entre os enunciados constituem destaque.

No conceito de autor-criador, Bakhtin (2011) assevera que as personagens se desconnectam de seus criadores de criação e passam a levar uma vida independente no mundo, e, nesse mesmo ciclo, o seu real criador-autor também se distancia das personagens. É um mecanismo de alteridade que permite a constituição independente do autor e de personagens de uma obra literária, o que se dá no jogo de vozes constitutivo da narrativa literária.

É sabido que Bakhtin menciona as obras de Dostoiévski em suas análises. Acreditamos, no entanto, que os conceitos podem ser deslocados também para pensarmos em outras obras, em especial, as que figuram entre a literatura universal, tal como a literatura africana

---

<sup>2</sup> Na tradução da obra *Estética da Criação Verbal*, de Mikhail Bakhtin, do ano de 2011, observamos a presença dos termos autor e artista. Utilizaremos os dois termos para referirmo-nos ao sujeito no processo de criação na atividade estética.

ou literatura brasileira, autores-criadores que também desenvolveram diversas modalizações de suas personagens nesse processo de alteridade entre autor-criador e personagem.

O autor-criador de uma obra literária ocupa uma posição volitivo-emocional privilegiada da obra, na qual é possível ver e conhecer particularidades de cada personagem, e ainda, ver elementos inacessíveis às próprias personagens. Em conformidade com Bakhtin (2011, p. 11, grifo do autor), “nesse *excedente* de visão e conhecimento do autor, sempre determinado e estável em relação a cada personagem, é que se encontram todos os elementos do acabamento do todo [...]”

Ainda, de acordo com Bakhtin (2011), o autor-criador conhece e observa os caminhos vistos pela personagem, assim como outros sentidos que estão inacessíveis à personagem. É essa a posição na relação entre autor e personagem. Comparece, sempre, no raciocínio bakhtiniano, o dialogismo constitutivo de toda manifestação da linguagem (BAKHTIN, 2011, p. 14), “[...] levamos em conta o valor da nossa imagem externa do ponto de vista da possível impressão que ela venha a causar no outro [...]”

Sendo assim, o distanciamento é um fator relevante na concepção da personagem e autor, uma vez que nos tornamos o outro em relação a nós mesmos, olhando para nós mesmos com o olhar do outro. Rotineiramente, os sujeitos fazem isso, tendo em vista que avaliamos, julgamos e opinamos a partir da posição ocupada por outros sujeitos, de modo que é através do outro que compreendemos a nós mesmos. Destacamos que esta concepção nos leva a admitir, como já o fizeram outros autores que fundamentam nossa argumentação, que a postura bakhtiniana frente aos fatos de linguagem aponta para o afastamento de uma visão linguística estrita, aproximando a discussão de uma filosofia da linguagem. Tal aproximação é que permite executarmos os deslocamentos aqui apresentados para concebermos a experiência na e com a literatura.

Para melhor entendermos o conceito de distanciamento proposto, é importante levarmos em conta a comparação apresentada pelo filósofo da linguagem. Os sujeitos que contemplamos, anatomicamente, não são capazes de ver todas as partes de seu corpo, tendo em vista que algumas são inacessíveis ao alcance dos olhos, como nossas costas, nossa cabeça e nossas expressões, que carregam manifestações de nossa identidade, o que não pode ser apreendido totalmente quando se ocupa uma posição interna (BAKHTIN, 2011).

O excedente de visão que está nas relações de alteridade entre os indivíduos está vinculado à posição volitivo-emocional ocupada no mundo. De acordo com Bakhtin (2011, p. 22, grifo do autor),

Esse *excedente* da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – excedente sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela

singularidade e pela insubstituibilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim. Essa distância concreta só de mim e de todos os outros indivíduos – sem exceção – para mim, e o excedente de minha visão por ele condicionado em relação a cada um deles.

Essa reflexão propicia o estabelecimento da indissociabilidade da relação entre “eu-outro” nos movimentos de reflexão e refração da realidade, que passam do interno ao externo, constituindo o diálogo com outros sujeitos. Dessa forma, o excedente de visão alheio é especialmente do sujeito que ocupa o lugar fora do sujeito que compõe um “eu” (BAKHTIN, 2011).

Bakhtin (2011) apresenta, em seu raciocínio, outra relação figurativa, agora pautada numa metáfora, para o excedente de visão: o excedente de visão é como um broto que desabrocha em formato de uma flor. A fim de que esse broto desabroche em flor, faz-se necessário que o excedente de visão individual complete o horizonte de outro indivíduo, sem desfazer o horizonte de visão do outro.

Para compreender o conceito de excedente de visão, é preciso entrar em empatia com o outro, ver axiologicamente o universo do outro, assim como o outro vê o universo desse “eu”; imaginar-se e confrontar-se no lugar do outro, e depois disso retornar ao seu lugar, para completar esse horizonte do outro com o “eu”, no excedente de visão apreendido dessa saída do lugar do “eu” até o lugar de um “outro”, bem como o movimento contrário de retorno. O excedente de visão não se faz sem esse abrigo, sem esse retorno da existência do outro. (BAKHTIN, 2011).

Faz-se necessário adentrar no horizonte concreto do outro, assim como ele o experencia. Ainda que haja empatia, alguns elementos ficam de fora do excedente de visão. Bakhtin (2011) aponta que aquele que sofre por algum motivo não é capaz de vivenciar a expressividade do outro, tal como a posição e sensação do corpo, o esgotamento físico, entre outros elementos da expressividade individual.

Consoante esse pensamento, a diretriz volitivo-emocional é individual e palco de lutas. Um acontecimento é concebido a partir de posições que estabelecem um ponto de distância em relação aos sujeitos. Conforme Di Fanti (2020, p. 10), “Nessa dinâmica, as diferenças insurgem dialeticamente, sem exclusão, num permanente movimento de tensão e confronto, como mundo da cultura e mundo da vida, teoria e prática etc.” Dessa forma, o autor-criador ocupa uma relevante posição no processo de excedente de visão, já que a vivência empática com o autor propicia a compreensão de um contexto abrangente da obra literária.

Em consonância com Bakhtin (2011, p. 64), entendemos que a nossa diretriz volitivo-emocional é concebida através de atos, em que ocorre a “[...] minha orientação para a vida

de dentro de mim mesmo sem a inserção de valores por princípio transgredientes a essa orientação axiológica vital (de dentro de si mesmo o herói age, arrepende-se, realiza a cognição)”. Quando ultrapassamos os limites de nossa vida individual, construímos formas esteticamente significativas, que extrapolam esses limites e compõem os atos das personagens na criação estética.

De acordo com Di Fantí (2020, p. 09),

O ato, desse modo, deve encontrar um plano único, a unidade de uma responsabilidade bilateral, para refratar nas duas direções: em seu sentido e em seu ser. É somente por essa via que pode ser superada a perniciosa separação e não interpenetração da cultura e da vida.

Nessa bilateralidade, os atos são importantes para compreendermos essa diretriz que norteia as ações e os movimentos das personagens em um romance, por exemplo. Bakhtin (2011, p. 83, grifo do autor) concebe os atos da seguinte forma:

Em cada ato, seja interior ou exterior, eu parto de dentro de mim com meu propósito material de vida, não encontro uma fronteira *axiologicamente significativa* que me propicie um acabamento *positivo*, sigo à minha frente e atravesso as minhas fronteiras, posso percebê-las de dentro como obstáculo, mas nunca como acabamento; a fronteira do outro, vivenciada esteticamente, dá-lhe um acabamento positivo, ajusta-o por inteiro, ajusta também seu ativismo, fecha-o. O propósito de vida da personagem aplica-se totalmente em seu corpo como fronteira esteticamente significativa, *encarna-se*.

Essas fronteiras axiologicamente significativas que compõem o excedente de visão são maleáveis e são transpostas na busca de acabamentos positivos propiciadas pelas personagens que ajustam essas fronteiras e também são responsáveis por fechá-las. A aplicação da personagem encarna-se adequadamente ao sujeito que constrói seu excedente de visão. “Na concretização do ato, emerge o tom emotivo-volitivo como uma reação ativa responsável em um contexto de uma vida real, em que a cultura se integra ao contexto geral e singular da vida do ser participante, no acontecimento único, irrepitível, que o abarca” (DI FANTI, 2020, p. 12).

É por isso que a literatura tem o poder de nos fazer questionar, inquietar, incomodar, preocupar, acalmar, reconfortar e amar. Dessa forma, na seção seguinte, exploramos as reflexões acerca da atividade estética que dá forma e sentido à narrativa literária.

### **A narrativa como atividade estética**

Em nossa reflexão, entendemos a narrativa em sua expressão estética, construída em contextos sempre situados no evento da experiência vivida do autor. Trata-se da composição valorativa do objeto narrado, em sua manifestação de atividade estética. Nossa percepção

acerca da narrativa no escopo dos estudos bakhtinianos nos leva a pensar acerca da noção de experiência, a qual é apresentada pelo autor em um dos seus primeiros textos, o qual, em sua versão original, não apresentava título, mas que foi publicado no Brasil com o título *Para uma filosofia do ato responsável* (2017). Não vamos, neste artigo, aprofundar a discussão específica acerca da complexidade desta obra. Para tanto, remetemos o leitor ao trabalho de Sobral (2019), autor que aprofunda a discussão em torno da proposta bakhtiniana em questão e propõe um roteiro de leitura do ensaio bakhtiniano.

Interessa-nos, nos limites desta pesquisa, mobilizar o conceito de experiência derivado da leitura que fazemos da obra *Para uma filosofia do ato responsável* (BAKHTIN, 2017, p. 79), uma vez que o autor, num trabalho de crítica aos estudos fenomenológicos vigentes na época, propõe uma descrição fenomenológica pautada na vivência do mundo experimentado em sua singularidade, no qual cada um pensa e atua, enfim, participa. Este mundo distingue-se do mundo teórico e teorizável da cultura.

A proposta de Bakhtin (2017), a qual marca também outros textos do autor já referidos neste artigo, é que a teoria deve ser baseada não em termos de proposições gerais e universalizantes, como em geral se faz no mundo da cultura em geral, mas deve partir do concreto e real, do evento do Ser e de seus atos. Nesta concepção, entendida como filosofia primeira, a posição valorativa e situada do sujeito é levada em conta no modo como ele vê o mundo: “do interior do ato real, singular – único na sua responsabilidade – é possível uma aproximação também singular e única do ser na sua realidade concreta; somente em relação a isso pode orientar-se uma filosofia primeira” (BAKHTIN, 2017, p. 79). Assim, conceitos universais e leis gerais acerca do mundo não encontram lugar nesta concepção, a qual parte de dentro do ser-evento, no mundo-que-está-aí, mediado, valorado, o mundo em que age o sujeito.

O sujeito, como já abordado anteriormente neste artigo, constitui um centro de valor do ser-como-evento único. Essa “hermenêutica do ser-evento é uma descrição fenomenológica da ação de cada sujeito, em cada ato responsável seu” (SOBRAL, 2019, p. 146). À semelhança do que assumiu Oliveira (2022), em dissertação de Mestrado acerca do ato ético de narrar na experiência da criança na linguagem, tomamos o ponto de vista de que a narrativa é um fenômeno de realidade única e que não se presta à generalização, uma vez que se encontra atrelada à experiência de um sujeito singular em sua concretude. A autora deriva de sua leitura da obra bakhtiniana a proposta metodológica de Estudo Fenomenológico do Ato Narrativo, a qual contribui para nossa abordagem da narrativa neste artigo. Segundo esta proposta, “o ato narrativo é um meio de reelaboração (refratada) das experiências vividas

que se faz presente desde os primeiros eventos do sujeito” (OLIVEIRA, 2022, p. 50). Trata-se de sujeitos unidos na mobilização de narrativas, marcadas pela tom volitivo-emocional e pelo excedente de visão, elementos que tornam cada narrativa única e irrepetível para autor e leitor, no caso da narrativa literária.

Para melhor contextualizarmos o raciocínio, recorremos a Bakhtin (2018, p. 232-233), em sua reflexão sobre a narrativa:

Diante de nós há dois acontecimentos – aquele sobre o qual se narra a obra e o acontecimento da própria narração (deste último nós mesmos participamos como ouvinte-leitores); esses acontecimentos ocorrem em tempos diferentes (diferentes também pela duração) e em lugares diferentes, e ao mesmo tempo estão indissoluvelmente unificados num acontecimento único, mas complexo, que podemos designar como obra em sua plenitude de acontecimento, incluindo-se aí seus dados materiais externos, seu texto e o universo nele representado, o autor-criador e o ouvinte-leitor.

Segundo afirma o filósofo da linguagem, o acontecimento do ato narrativo e o acontecimento interno à narrativa se caracterizam por um fenômeno complexo em cuja constituição agem elementos que os afastam entre si, dada a realidade de tempo e espaço que os distingue, ao mesmo tempo em que os mesmos acontecimentos se encontram interligados e não podem ser separados, uma vez que um determina o outro. Neste caso, como vimos anteriormente, quando definimos o outro eu, o narrador autor-criador e a representação da personagem objetivada do eu se distinguem:

Se eu narrar (ou escrever) uma ocorrência que acaba de se passar comigo, como narrador (ou escritor) já estarei fora daquele tempo-espaço onde se deu tal acontecimento. A identificação absoluta de mim mesmo, do meu “eu” com aquele “eu” sobre quem narro, é tão impossível como erguer a si mesmo pelos cabelos. O mundo representado, por mais realista e verídico que seja, nunca pode ser cronotopicamente identificado com o mundo real que representa. (BAKHTIN, 2018, p. 234).

Na relação entre a temporalidade e a espacialidade, sempre únicas, da narrativa, as forças do mundo real atuam sobre o mundo representado, mas não podem torná-los idênticos; trata-se de distintos sujeitos implicados no ato de narrar. A narrativa, assim, se converte em objeto estético a partir do evento da experiência vivida do autor, realidade que convoca as posições volitivo-emocionais em seu fazer, além de convocar, de igual forma, a atitude responsiva do leitor.

Acreditamos que, para os fins deste artigo, é recomendável que resumamos os fundamentos teóricos apresentados em formato que facilite a leitura e a compreensão, o que fazemos no quadro-síntese (Quadro 1) a seguir, organizado a partir dos fundamentos teóricos apresentados:

**Quadro 1** – quadro-síntese

- 1 O excedente de visão na atividade estética propicia ao autor a compreensão de um contexto abrangente da obra literária.
- 2 As formas esteticamente significativas são mobilizadas quando se ultrapassam os limites da vida individual na composição dos atos das personagens na criação estética.
- 3 O jogo de tons emotivo-volitivos dá vida à palavra e revela um sujeito relacional e inacabado na estética da criação literária.
- 4 Na relação entre a temporalidade a espacialidade, sempre únicas, da narrativa, as forças do mundo real atuam sobre o mundo representado pela estética, mas não podem torná-los idênticos.

Fonte: elaborado pelos pesquisadores (2022)

Estando esses fundamentos definidos, na sequência, voltamo-nos para os procedimentos adotados na metodologia que moveu a investigação.

**Procedimentos metodológicos**

Desenvolvemos uma pesquisa de natureza aplicada, exploratória e descritiva, com procedimentos técnicos bibliográficos e documentais e qualitativa. O *corpus* da pesquisa consiste em um vídeo com a gravação da entrevista concedida pelo escritor Mia Couto, publicada em um canal do *Youtube* intitulado *Fronteiras do Pensamento*. Optamos por mencionar trechos da entrevista, ao invés de realizar uma transcrição de falas, uma vez que trabalharemos com elementos subjetivos da criação estética e da composição da experiência.

Na Figura 1, apresentamos uma imagem com um *template* do vídeo disponibilizado no *YouTube*:

**Figura 1** – Como nascem as histórias?



Fonte: (Canal Fronteiras do Pensamento, Youtube, 2021)<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b-O7l2SxYus>. Acesso em 28 fev. 2022.

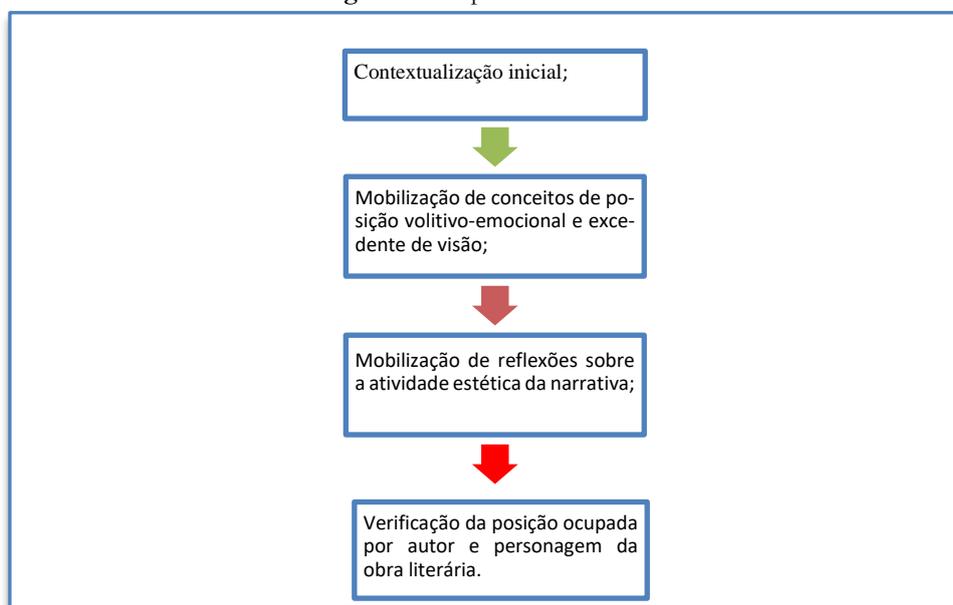
O critério para a seleção do vídeo foi pautado pela relevância da temática apresentada, bem como a relação direta com as contribuições desenvolvidas na fundamentação teórica. Não se trata de um estudo específico voltado para a criação literária. O entrevistado não tem a intenção de marcar seu discurso na perspectiva das reflexões de Bakhtin, mas fazer um relato livre acerca de sua concepção de personagens e sua criação literária. Enquanto pesquisadores, analisamos essa materialidade discursiva em questão face às concepções bakhtinianas até aqui mobilizadas na busca de compreensão da atividade estética da narrativa.

Os procedimentos metodológicos de análise estão delineados da seguinte forma:

- a) contextualização inicial do vídeo selecionado e do entrevistado, Mia Couto;
- b) acionamento dos conceitos teóricos mobilizados, envolvendo a posição volitivo-emocional e o excedente de visão, bem como a noção de narrativa como atividade estética do sujeito e sua relação com a concretude do mundo vivido.
- c) verificação da posição ocupada pelo autor e personagens na apreciação estética da obra artística, conforme a entrevista concedida em vídeo.

Na Figura 2, desenvolvemos um dispositivo de análise proveniente dos procedimentos metodológicos adotados na análise de corpus.

**Figura 2** – dispositivo de análise



Fonte: elaborada pelos pesquisadores (2022)

A partir da ilustração do dispositivo de análise presente na Figura 2, apresentamos, a seguir, a seção de análise.

## Mia Couto e a narrativa

A fim de contextualizarmos o universo de análise do *corpus*, apresentamos, de forma breve, Mia Couto, que é um escritor natural de Moçambique, país do continente africano, nascido em 05 de julho de 1955. Já trabalhou no jornalismo e é profissional formado na área de Biologia. Mia Couto concilia essa profissão com o ofício de ser escritor de literatura, o que lhe rendeu notoriedade no cenário global do mundo literário.

Seu primeiro livro de poesias é intitulado *Raiz de Orvalho*, e o primeiro romance, *Terra sonâmbula*, foi considerado um sucesso pela crítica especializada. No acervo de suas produções, há o livro *Antes de Nascer o Mundo*, o qual, dentre diversas temáticas, se ocupa da concepção da África, sendo mencionado por Mia Couto na entrevista concedida ao canal Fronteiras do Pensamento, *corpus* de nossa reflexão.

O Canal Fronteiras do Pensamento é popularmente conhecido na plataforma de vídeos YouTube por veicular diversas entrevistas com renomados autores da Antropologia, da Linguística, Filosofia, entre outras áreas do conhecimento. Os vídeos são de acesso facilitado e a intenção é a de aproximação do público com saberes que promovem o desenvolvimento do pensamento crítico e da reflexão.

Com relação ao vídeo que compõe o *corpus* de análise, especificamente, observamos que, antes mesmo que seja possível visualizar o autor na tela, é transcrito o áudio da entrevista com o entrevistado falando “Histórias nascem com encontros, com coisas que me tocaram muito.” Já de início, o material produzido busca demonstrar a origem das histórias criadas por Mia Couto.

Na sequência de nossa análise, voltamos nossa atenção ao dizer do autor moçambicano. Para facilitar o deslocamento entre os segmentos destacados na análise e a análise propriamente dita, organizamos o material em recortes apresentados na sequência, com sua respectiva discussão analítica.

### Recorte 1

Imaginemos que houve uma cena numa rua, alguma coisa que se passou e que fez acender uma

O autor, em sua manifestação acerca do ato de criação de suas narrativas, recorre ao mundo real na busca de um mote para a atividade estética. Ele pontua, inicialmente, o fato que “se passou”; esse fato que se passou não acontece especificamente com ele, mas é um fato do mundo, um acontecimento concreto que marca a existência de um sujeito singular e concreto que habita neste mundo.

Acerca do fato ocorrido e de sua relação com este fato, encontramos no Recorte 2 importante elemento para nossa análise.

## Recorte 2

Eu quero ficar tão longe do episódio real como se fosse por respeito àquelas pessoas que me cederam, que me emprestaram a história, que eu quero que ela seja o mais distante possível desse núcleo de sugestão.

Desta vez, analisamos o distanciamento e a proximidade frente aos fatos que perpassam e que marcam a atividade estética, tal como a empatia, apontada por Bakhtin (2011), necessária para que haja o movimento de proximidade e de distanciamento das personagens, que culminam no excedente de visão gerado ao autor, neste caso, Mia Couto. Há um querer do autor em relação ao fato do mundo concreto, e esse querer, concebido como tom volitivo-emocional, é projetado, de algum modo, e não cabe aqui buscarmos ver este modo, mas apenas afirmarmos sua existência, na criação da narrativa. Cabe aqui um destaque: quando afirmamos que o tom se projeta na narrativa não estamos propondo realidades coincidentes entre a experiência concreta do autor no mundo real e a atividade estética do autor-criador na narrativa; pelo contrário, na perspectiva bakhtiniana, é coerente pensarmos que esse tom se refrata na realidade narrada de tal forma que proximidade e distanciamento do fato se revelam no embate de forças no interior da narrativa.

Na sequência do vídeo, o escritor decide trazer sua própria experiência de escritor em Moçambique, o que expressamos no Recorte 3.

## Recorte 3

Em Moçambique eu sou uma pessoa que na rua é reconhecido frequentemente e me param, mas não é tanto essa relação de fã. As pessoas querem me contar uma história ou querem que eu conte uma história.

parte de sua vida, já que as pessoas o reconhecem como um legítimo contador de histórias, o que as inspira e as move diante do cenário moçambicano. As pessoas têm a necessidade intrínseca de contar e de criar histórias, como a condição de criação de narrativas, ao mesmo tempo que projetam, nas narrativas miacoutianas, a estética de criação que, na avaliação delas próprias, pode lhes faltar.

Mia Couto resgata a curiosa fala de um dos cidadãos de Moçambique que o para e diz o que apresentamos no Recorte 4.

## Recorte 4

“Você tem que contar a história da minha burra.” Quase chorando, o sujeito ainda disse “A minha burra morreu.”

O escritor deixa claro que o cidadão moçambicano em questão revelava precisar de um nome e de uma história para o animal. É do próprio Mia Couto que advém a análise que aqui apresentamos: o sujeito comum, em sua singularidade vivida do ato concreto, necessita do ato de redenção e perdão, o que, em última instância, poderá se dar no ato de criação do outro, não qualquer outro, mas um outro autorizado e autoridade para fazê-lo: o escritor. Este outro também vive sua singularidade na existência concreta do mundo real, como verificamos no Recorte 5.

#### Recorte 5

Eu não fui capaz de escrever aquela história, mas quando escrevi *Antes de Nascer o Mundo*, cujo título original é *Jesusalém*, eu, de repente apareceu uma jumenta na história ... Então acho que essas coisas ficam na minha cabeça e depois ressurgem na minha cabeça que é uma condição que eu já não reconheço.

Novamente, é nas palavras de Mia Couto que encontramos um princípio de análise, no qual nos apoiamos para apresentar a nossa. No movimento da criação estética focalizado pelo escritor, reconhecemos o processo de criação mencionado como não-linear, já que os acontecimentos e as experiências não são cronologicamente ordenados. A jumenta não foi personagem de uma história em específico, mas foi uma personagem fundamental para a simbologia do feminino no desenvolvimento de *Antes de Nascer o Mundo*. O movimento de empatia de Mia Couto, desencadeado na singularidade de um ato concreto do mundo real, derivado da relação entre o tom volitivo-emocional assumido pelo sujeito e o contexto de valores da humanidade histórica. Ora, a morte é uma realidade que encontra valoração na humanidade histórica, no entanto, não se trata da mesma valoração na vivência da singularidade de cada sujeito do mundo real, seja ele o dono da burra ou o escritor moçambicano ou o autor-criador.

De acordo com Bakhtin (2011, p. 23),

Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento.

A experiência profunda que Mia Couto vivenciou com a história fez com que, no momento mais apropriado, a jumenta reaparecesse através de uma personagem de um de seus romances. Por fim, a menção às experiências que ressurgem e que representam uma condição desconhecida e descontrolada pelo autor corrobora com a concepção da personagem por Bakhtin (2011), tendo em vista que no conceito do autor-criador, as personagens são distanciadas do criador e levam uma vida independente no mundo narrativo. Dessa forma, o autor-

criador também se distancia das personagens e elas tomam forma e vida próprias. Na sequência, apresentamos nossas considerações finais acerca do estudo.

### Considerações finais

A literatura (r) existe como maior instrumento de humanização e sensibilização frente à barbárie e frente à objetivação da informação. A literatura representa um território de passagem no qual o acolhimento e a compreensão fazem morada. A literatura também propicia o vivenciamento e a experiência de outras realidades e realidades ficcionais de forma sensível e inusitada.

Verificamos, com este artigo, que autor, autor-criador e personagem se mesclam com a realidade do mundo e com aquilo que toca, move e transforma a humanidade histórica como um todo, mas também a vivência de cada ser em particular. Este artigo teve por objetivo analisar distintas posições volitivo-emocionais ocupadas na atividade estética, com vistas à formação de experiências, via literatura.

As posições do autor e da personagem apontam para o excedente de visão, posição volitivo-emocional e empatia verificados no jogo da atividade estética, a qual se realiza de modo dialético em relação ao mundo concreto das experiências de Mia Couto.

#### HOW ARE STORIES BORN? THE SURPLUS OF VISION AND THE NARRATIVE AS AESTHETIC ACTIVITY

**ABSTRACT:** In literary creation, author, readers, and readers have different volitional-emotional positions. Literature is a means of sensitization, humanization, and creation of experiences that go against the excess of information and speed of screens. In this sense, the question is: how does literary narrative constitute an aesthetic activity in its relationship with the concrete world? With this in mind, this article aims to study the singular creation, an article on the experience of literary creation in the dialectical relationship. The theoretical foundation is authorized in the contributions of Bakhtin and the Bakhtin's Circle (2011) about the volitional-emotional position, empathy, and vision; Act in the creation of the work of the aesthetic activity of the act, conceived as ethical, convergent themes. The corpus of analysis consists of a video with an interview with Mia Couto, a world-renowned writer from Mozambique. In the video, the author deals with the theme of the birth of stories. This work assumes an exploratory, bibliographic, documentary and qualitative approach. The recognized results can affirm that the creation of literary accounting whose author's analysis event is described by the point of volitional-emotional decision-making at each moment of the lived experience, without, however, will only be induced to carry out once which is recognized by the experience of aesthetic activity. Literary narrative, therefore, in its aesthetic world marked by volitional-emotional representations, represents an important achievement in approaching the abstract cultural world and the concrete of life.

**KEYWORDS:** Birth of stories; Surplus of vision; Literature; Experience; Mia Couto.

### REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Questões de estilística no ensino da língua*. São Paulo: Editora 34, 2019.

\_\_\_\_\_. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João, 2017.

DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. Notas sobre a alteridade em Bakhtin. In: *Círculo de Bakhtin: alteridade, diálogo e dialética*. Porto Alegre: Polifonia, 2020.

OLIVEIRA, Marina. *O menino contador de histórias: a criança e a arquitetônica do ato narrativo*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2022.

PENSAMENTO, Fronteiras do. Como nascem as histórias. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b-O7l2SxYus>. Acesso em 19 abril. 2022.

SOBRAL, Adail. *A filosofia primeira de Bakhtin: roteiro de leitura comentado*. Campinas: Mercado de Letras, 2019.

*Recebido em: 30/04/2022.*

*Aprovado em: 15/07/2022.*